Preço 1$00 Quinta feira, 23 de Agosto de 1956 Ano II - N.º 76

Semanário

A PROVÍNCIA

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

OS TRABALHADORES DA SOMBRA

O mundo que gira na luz diária não se apercebe dos que trabalham nas trevas.

Abaixo do chão e pelos esconderijos mais recônditos, vejeta e trabuca uma geração inteira que lembra uma corda de toupeiras quando sai das tocas e vem à claridade estonteada.

Os mineiros, os fogueiros, os escavadores de subterrâneos e de túneis, os que andam na rebusca obrigatória das pedras preciosas e do pão de cada dia, — toda essa multidão quase anónima que esgota a vida nas escuridões, ou junto ao fogo crematório, constitui uma falange inglória.

Desaparecem da terra pelas manhãs nevoentas ou pelas manhãs das calmas. Somem-se por buracos ou por escadarias, e por lá se conservam horas e horas, na meia luz pardacenta, artificial, com aspectos de fantasmas em deambulação.

Os que marcham à superfície vêem o desaparecimento e esquecem-nos. As labutas de cada um chegam para atribulações e para obturar a memória...

E eles, incògnitamente, lá vão, lá descem, para o cumprimento do dever e para o salário.

Quando surgem ao de cima, enfarruscasdos, mascarados, negros dos fumos e sarapintados pelo suor, parecem figuras de Hoffman, lendárias personagens de contos fantásticos.

Os olhos, bistrados de círculos estranhos, recusam a forte luz do sol, piscam que piscam, são pirilampos amortecidos; as faces escorrem linhas escuras de pó e de limalhas em suspensão; as mãos arrastam ferramentas e desperdícios; os corpos cambaleiam nos novos equilíbrios e desarticulam-se forçadamente; e no aspecto geral das apresentações, dão a impressão exacta de «gente diferente dos outros humans».

Ao vê-los saltar nas claridades, o nosso espírito conturba-se e, por analogias, recorda outros trabalhadores da sombra, recorda os que, por trás das cortinas dos disfarces, trabalham na maldade e fabricam as discórdias.

A sombra difere e o terreno é ilimitado. As ferramentas e os desperdícios também se não parecem. Os resultados são positivamente antagónicos. A escuridão propícia é que protege uns e outros.

Enquanto aqueles vão buscar o seu pão e o dos seus, pelo trabalho honesto e duro, estes tramam maldições e espalham venenos que provocam insânias e desagregamentos prejudiciais.

Por
JOÃO FERNANDO

Todos eles, porém, são trabalhadores da sombra.

Uns para viverem, outros para intoxicarem a vida alheia.

Uns para se dignificarem, outros para se enegrecerem nas almas.

O antagonismo é evidente, mas a comparação tem pontos de contacto nas aparências, na estrutura dos locais, nos bastidores ocultos.

Apenas uma grande diferença: aqueles produzem para a vida humana, produzem para as civilizações; estes destroem, confundem, balburdiam, tornam essa vida um complexo de inferioridades malfazejas.

Para os primeiros, vão as as simpatias dos pensadores, dos que estudam e profundam os problemas de esforço individual em benefício da comunidade. Para os segundos, vai a repulsa permanente, a condenação de processos e a repugnância das aproximações.

Combatamos e lutemos contra estes.

Acarinhemos e dispensemos a nossa simpatia estreme àqueles que, em busca do pão e do salário, vivem na sombra, trabalham na sombra para dar mais luz, mais claridade, mais conforto, mais comodidade a todos.

Os primeiros merecem estátuas no nosso pensamento; os segundos exprobações petrificadas no campo das ignomínias.

As excursões dominam hoje grandemente os espíritos, ávidos de alargar seus horizontes...

Por SOEIRO DA COSTA

Novo colaborador

É com o maior prazer que damos esta notícia: Inicia hoje a sua colaboração o nosso querido amigo Soeiro da Costa, trabalhador infatigável das letras portuguesas, espírito elevado e prestigioso acima de todos os encómios.

Agradecemos, extremamente honrados, a colaboração espontânea do querido amigo, a qual, certamente, virá valorizar as páginas do nosso semanário.

Com os protestos da nossa gratidão, endereçamos-lhe as homenagens de «A Província» e do seu corpo redactorial.

As excursões que permitem ir em demanda de outros povos e, terras e, conhecer as suas manifestações de vida, usos e costumes, interessando, grandemente, tudo o que vai afora o já visto e conhecido, evidentemente que tornam assim, hoje, disseminada a cultura; uma necessidade reconhecida nos espíritos mais abertos e interessados nessa civilização, e o que é, de facto, prova bem clara do progresso desejado.

As levadas a efeito dentro do país — têm sido de notáveis vantagens em factos importantes da vida social, e de um modo geral em todas as condições de vida mental e económica, — permitindo que melhor se conheça e se aprecie devidamente o que de grandioso e belo possuímos e o que de notável se vem fazendo, em proveito da Grei e do País, infelizmente prejudicado pela corrupção de costumes e da maldade dos que possam querer desvirtuar, o que constituiria o Bem Geral.

Aquelas excursões — levadas aos outros países — são duplamente benéficas e apreciadas, visto que uma vez conhecido, devidamente, tudo o que é de apreciar e encarecer, — vamos depois enriquecer o espírito, com o que de novo e belo nos

(Continua na página 4)

Crónicas Irrequietas — 30

FALA O HOMEM DO POVO

São muitos raras as palavras confessas. As artimanhas e os disfarces passam a meta das correcções e instalam seus reinos.

Quem subiu, porque subiu, oculta a origem e alardeia grandezas que nunca teve.

Raramente se encontra a coerência e a confissão do passado.

A basófia entrança a trama e apodera-se da imaginação, na larsa que ilude e que mistifica. A ilusão, porém, tanto atinge o farsante como os ouvintes e assistentes. Todos iludem e ficam iludidos...

O homem digno, que não tem vergonha de confessar o que foi e o que é, que não se demite de descrever como começou e como venceu, que diz abertamente aos semelhantes o seu tempo de pé descalço e o pão «que o diabo amassou», vai sendo cada vez mais raro.

Também aparece, no entanto, quem sinta prazer e orgulho em apontar o dia longínquo em que era pastor e guardava o gado pelas serras, e a procedência plebeia que muito o distingue o honra.

Eu sou um deles.

Por
ÁLVARO VALENTE

Não guardei, nem pastoriei gados; não andei descalço pelas ribas, nem pelas ruas civilizadas. Fui pobre e pobre sou; mas noutra escala diferente.

Constantemente afirmo, com altivez, que sou filho do povo.

Tenho muita satisfação ao afirmá-lo, não renegando a minha ascendência, e fazendo a apologia da minha origem.

Filho dum artista português, cujo valor se fixou para sempre na Música Portuguesa, e duma simples mulher doméstica, dona de sua casa, educadora por ex-

(Continua na página 4)

Nossa Senhora da Atalaia

Por ANÍBAL ANJOS

A romaria à Senhora da Atalaia, realizada todos os anos perto do Montijo, é uma festa religiosa, característica, que muito difere das comemorações religiosas em honra de outros Santos de nossos dias.

Festa caracteristicamente simples, a romaria à Senhora da Atalaia, a que eu assisti algumas vezes, se bem que encerre a religiosidade que lhe corresponde pela sua origem, é, diferentemente das outras, feita noutros moldes, talvez mais provincianos, mas nem por isso menos sinceros.

(Continua na página 4)

ATALAIA em 1864 — Vê-se no primeiro plano desta perspectiva, o cruzeiro que ainda hoje ali se conserva, como símbolo duma vetusta tradição.

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias, excepto ás sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLÍNICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz

Interno dos Hosp. Civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.as e 6.as feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º-Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Que não falte na sua mesa o café de
«A JAVANEZA»
Rua do Arsenal, 102
Telef. 22722
Enviam-se encomendas para a província

Telefone 026 367
Para boas Fotografias
Foto Montijense

MONTIJO

Um terrível flagelo Ameaça Montijo!

Montijo tem vivido permanentemente ameaçado por um dos piores inimigos da humanidade, *a mosca*.

Infelizmente na nossa terra, este insecto abunda e prolifera com uma intensidade digna de registo, não só demonstrada pela sua presença evidente, como pelas doenças e até mortes no seio da população e, em especial, nas crianças.

São nestas, naturalmente indefesas, que a mosca mais produz os seus efeitos. É vulgar, infelizmente, observarmos uma criança comendo e as moscas pousando nos alimentos, na boca, na cara e no corpo, sem quase reacção dessa mesma criança.

A mosca que indiferentemente, pousa nas fezes, estrumeiras, cadáveres, escarros, na comida e no corpo de qualquer pessoa, transporta também indiferentemente todo o gérmen nocivo, provocando as mais terríveis doenças.

— Procure-se junto de qualquer médico, em especial nestes meses, os diagnósticos em crianças, de enterites e desinterias... Mas só estas doenças, provoca a mosca? A febre tifóide, a tuberculose, o carbúnculo, etc., etc.

Todos nós temos de nos compenetrar dos terríveis efeitos provocados pela mosca, agente propagador e provocador de muitas doenças em Montijo, e devemos todos também procurar eliminá-la em todos os locais e por todos os processos.

O Município de Montijo, mais uma vez atento aos grandes problemas da nossa terra, deliberou em sua última reunião, preconizar uma campanha instrutiva e activa para extinção total das moscas.

Voltaremos brevemente a tratar o assunto como ele merece, mas não queremos deixar de transcrever o Edital que contém as instruções da Portaria n.º 6114, de 12 de Abril de 1929 e divulgado agora pela nossa Câmara Municipal.

«A existência de moscas é indício de desleixo e falta de limpeza. As moscas transmitem doenças graves. É preciso evitar que elas se criem e destruir as que existam.

1.º — São proibidas as estrumeiras dentro das povoações;

2.º — É proibido colocar na via pública, dentro das povoações, camas de mato;

3.º — As estrumeiras devem ficar afastadas dos locais habitados;

4.º — O estrume deve juntar-se em pilhas bem apertadas de 1,50 m. de altura e coberto inteiramente de terra em camada superior a 2 centímetros de espessura, para o que deve existir sempre ao pé de cada estrumeira a terra necessária para uso imediato.

Pode a terra onde assenta a pilha regar-se com alcatrão, e as pilhas de estrume com leite de cal (10 quilogramas de cal para 100 de água);

5.º — Deve remover-se diàriamente o estrume das cavalariças e estábulos e das camas de gado, cortelhos e pocilgas;

6.º — Não é permitido fazer camas de gado dentro dos quinteiros, nem lançar para elas, restos de comida, dejectos ou converte-las em montureira;

7.º — Dentro das medidas do possível todas as casas das povoações devem ter retretes, canalizações de dejectos e águas residuais, ligadas a uma fossa séptica. A existência de retretes é obrigatória em todas as localidades onde haja abastecimento de água e esgotos;

8.º — Devem lavar-se e caiar-se frequentemente os estábulos, currais, cavalariças, cortelhos e pocilgas.

9.º — Os cafés, tabernas, confeitarias, restaurantes e hotéis devem empregar os meios necessários para afugentar as moscas e evitar que elas poisem sobre os alimentos ou restos de comida, empregando redes metálicas finas, devendo também para isso conservar virados os pratos e copos, e defendidos todos os elementos de baixela e panos para a mesa.

Os açucareiros a adoptar deverão ser os do modelo estudado pela Repartição de Turismo.

10.º — Para as moscas, pode usar-se, além dos insecticidas do comércio, qualquer processo prático como, por exemplo, aquecer óleo de rícino e derreter dentro dele resina, mexer até se obter pasta expessa, que se estende sôbre papel ou cordeis.

2.º — Promover que os Serviços Municipais competentes procedam à extinção de moscas em locais públicos ou de particulares manifestamente pobres.

3.º — Solicitar a colaboração das entidades particulares, nomeadamente os industriais de chacinaria e outros, para que no seu próprio interesse e no interesse da Vila, promovam igualmente a extinção de moscas nas respectivas instalações industriais.

4.º — Informar o público de que na Subdelegação de Saúde e Serviços de Sanidade Pecuária prestam-se todos os esclarecimentos sobre os meios de combate às moscas».

Perdoai-me meu Deus!

Passado presente e futuro: tudo fundido num só momento de angústia!

Vivido e revivido nesse instante de eternidade, espalhando centelhas, iluminando negrumes, colocando realidades nas mais fantásticas fantasias!

Isto é um grito na imensidade do Mundo; é um desejo imperativo de verdade; é, talvez, o pavor de não saber... E, no entanto, relaxando as fibras tensas da alma, quanta segurança no meu corpo! Estendida na relva, olho o ceu azul como se fôsse o tecto da minha casa; estendo a vista ao longo dos caminhos; fundo a minha vida com a de todos os seres e existo plenamente, gostosamente, sentindo o meu corpo. São momentos de férias que me dá a minha alma, a atormentada por tanta interrogação!

Eu queria ser outra— perdoai-me, meu Deus!—

Queria ter uns olhos que não procurassem ver o que está para além da vista, uns braços que se não estendessem fora da medida do meu corpo, umas pernas que me levassem pelos caminhos da realidade, uma alma simples que não procurasse transcender os seus limites, um coração forte que não estremecesse ao apêlo do infortúnio! Sim!, queria ser outra, perfeita e real!

Correr pela vida como os rios tranquilos, serpenteando sôbre a maciez das areias, saltando alegre sôbre os al-

Nela de Castro

(*Continua na página 6*)

Montijo é Ribatejo ou Estremadura?

III

(Conclusão)

Vejamos agora as razões históricas:

No título da vila, que D. João III mandou lavrar, — aí por 1532 —, chama se à nossa terra «Aldea Galega do Ribatejo»; o padre António Carvalho da Costa, na sua corografia de 1709, chama-lhe também Aldea Galega ou Aldagalega do Ribatejo; o padre Luís Cardoso, no seu Dicionário Geográfico, de 1745, — volume I, páginas 207, aponta-lhe quatro nomes: Aldagalega, Aldeia-Galega, do Ribatejo; Cândido de Figueiredo, o escritor insigne dos nossos dias, natural de Lobão da Beira, falecido há poucos anos, escreve no seu livro «Combates sem sangue» «que quiseram deturpar o velho e respeitado nome de Aldeia Galega do Ribatejo»; e vindo ainda para mais perto, lá diz José de Sousa Rama, no seu livro «Coisas da nossa terra», que em 1881 um grupo de nativos queria que se chamasse ùnicamente «Alda», embora outros opinassem por «Vila Maior do Ribatejo» ou «Vila Formosa do Ribatejo».

Como se vê, em documentos oficiais, em livros, em citações, sempre se acrescentou a designação «do Ribatejo» ao primeiro nome.

E se a História o disse e nisso assentou, é porque lá tinha suas razões de peso e de verdade.

Uma única diferença se deve estabelecer, para uso próprio, derivada sòmente da disposição topográfica das terras:

Parte do Ribatejo fica para lá; outra fica para cá do rio.

Será natural, portanto, que digamos «Ribatejo do norte» e «Ribatejo do sul».

Esta separação não anula, no entanto, o aspecto geral desta faixa, que é e será sempre, para todos os efeitos, profundamente «ribatejana».

Não há, evidentemente, em face do disposto nos diplomas legais, província do Ribatejo. O que há, é província da Estremadura. Mas a zona, a dita faixa, esta extensão territorial com idêntica estrutura e idênticas características, chamar-se-á, como há séculos, RIBATEJO.

E a História e a vontade dos povos serão os argumentos básicos para que assim fique resolvido e determinado, sem que seja possível alterar o que já vem de tão longa data e de tão forte propriedade.

Obras de Alvaro Valente

— «Eu», livro de sonetos, esgotado; «Daqui... fala Ribatejo», contos monográficos, 30 escudos; «Pedaços deste Ribatejo», folclore e costumes, 30 escudos; «A minha visita ao museu de S. Miguel de Ceide», folheto, 5 escudos; «Hino a Almada», em verso, 10 escudos; «Grades Eternas», estudos sociais, 15 escudos; «Vidas Trágicas», romance, 15 escudos; «Viagem de Maravilhas», reportagem, 20 escudos.

Pedidos à Redacção de «A Província».

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 12, o sr. João Eusébio Tavares Pialgata, pai da nossa dedicada assinante, sr.ª D. Balbina Isaura Pialgata.

— Dia 13, a ex.ma sr.ª D. Glória Nepomuceno Gouveia, esposa do nosso amigo e assinante sr. Justiniano Gouveia, ilustre Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Montijo.

— Dia 13, a ex.ma sr.ª D. Maria José Vasconcelos, gentil filha do sr. Capitão José Maria Vasconcelos.

— Dia 13, a ex.ma sr.ª D. Manuela Ventura Valle, esposa do sr. Dr. Alberto Cardoso do Valle, mui digno Advogado e Conservador do Registo Civil de Montijo.

— Dia 14, o sr. Francisco Miguel Silva de Almeida, irmão do nosso assinante sr. António Maria Silva de Almeida.

— Dia 16, a ex.ma sr.ª D. Clotilde Serrador Cartaxo, esposa do nosso dedicado assinante sr. João da Costa Cartaxo.

— Dia 17, o sr. Joaquim Barreto Soeiro, nosso estimado assinante.

— Dia 19, o sr. Artur Marques Contramestre, industrial de barbearia e nosso bom amigo e assinante.

— Dia 20, a menina Neusa Rodrigues Carvalho Futre, gentil filha do nosso assinante sr. Joaquim Rodrigues Carvalho Futre, ausente no Brasil.

— Dia 20, o ex.mo sr. Capitão José Augusto de Almeida, digníssimo delegado em Setúbal dos serviços de Censura.

— Dia 20, a sr.ª D. Albertina Duarte Madeira, esposa do nosso dedicado assinante sr. José Joaquim Veiga.

— Dia 21, o menino Joaquim Manuel Ferra Lopo, neto do nosso estimado assinante sr. Manuel Castanheira Lopo.

— Dia 23, a menina Palmira Maria Narciso, filhinha querida do nosso assinante e velho amigo enfermeiro sr. Moisés da Silva Narciso.

— Dia 23, o menino Helder Joaquim Rodrigues Carvalho Futre, gentil filho do nosso assinante sr. Joaquim Rodrigues Carvalho Futre, ausente no Brasil.

— Dia 23, o sr. António Marques Caixeirinha, nosso dedicado amigo e digno funcionário dos C. T. T..

— Dia 24, o menino Artur José dos Santos, filho do nosso assinante sr. Artur Inácio dos Santos.

— Dia 24, o menino António José Madeira Veiga, filho do nosso prezado assinante sr. José Joaquim da Veiga e societário do Café Veimar, desta vila.

— Dia 25, o sr. Ernesto Oliveira Paredes, nosso prezado assinante em Tancos.

— Dia 25, o sr. José Barreto Soeiro, nosso prezado assinante.

— Dia 26, a menina Maria de Lourdes Correia Leite, gentil filhinha do sr. José da Silva Leite, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Montijo e nosso estimado assinante e amigo.

— Dia 26, o snr. Augusto António Fernandes, nosso estimado assinante em Portalegre.

— Dia 27, a menina Maria Cristina Marques Nepomuceno, comadre do nosso dedicado assinante sr. Francisco Cardoso Almeida.

— Dia 27, a sr.ª D. Maria dos Santos Alves, nossa estimada assinante, em Lisboa.

A todos os aniversariantes, os melhores parabéns de «A Província».

Em Férias

— Encontra-se em gozo de férias, na sua quinta da Glória (Estremoz), o sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, ilustre Governador Civil do nosso distrito.

— Encontra-se em férias na Figueira da Foz, o nosso estimado assinante sr. César Ribeiro Ventura, sua esposa e filhinha.

Festas Associativas

Sociedade Recreativa do Alto das Vinhas Grandes

Solenisa o seu 7.º aniversário, homenageando os Srs. José da Silva Leite e António João Serra Junior, respectivamente, dignos Presidente e Vice-Presidente do Município de Montijo, com o descerramento das suas fotografias.

Já nos referímos ainda que abreviadamente no número transacto, às festas comemorativas do 7.º aniversário desta agremiação vizinha, que embora nascida num meio pobre, é rica em úteis realizações de recreio, educação popular e beneficência, a favor de desafortunados da sorte, como são muitos infelizes a quem já tem prestado benefício.

As suas festas comemorativas tiveram início — conforme já referimos —, no domingo, dia 12, por uma manifestação muito carinhosa para os ilustres homenageados às quais devido a excassez de espaço, só pudemos então fazer ligeira referência, e hoje vimos suprir essa involuntária falta, alargando a nossa reportagem dentro das possibilidades que se nos apresentam.

A sede da colectividade encontrava-se vistosamente ornamentada e o seu palco artísticamente disposto, embelezado com colgaduras, o que lhe emprestavam uma feição-alegre, para o ambiente necessário *ao grande dia*, que alí se comemorava.

Cerca das 18 horas, já estava tudo a postos, aguardando a chegada do sr. António João Serra Junior, um dos homenageados, e ilustre vice-presidente da Câmara.

Sua Ex.ª que se fez acompanhar dos delegados da Banda Democrática e Ateneu Popular, e redactor do nosso colega «Gazeta do Sul», sr. Rui de Mendonça, foi recebido pela Direcção da Sociedade Recreativa local; nosso redactor, sr. José Miguel Martinho; conjunto musical «Os Leais»; sr. Nuno de Menezes, produtor radiofónico, por «Organizações Tropical», elementos da sociedade e pessoas de suas famílias, etc.

Aberta a sessão pelo sr. Manuel Gomes, presidente da Direcção, que convidou a assumir a presidência da mesa da sessão soléne, o homenageado sr. António João Serra Junior, este senhor por sua vez se fez rodear dos referidos delegados associativos e dos representantes daimprensa, ali presentes.

O primeiro doa oradores, sr. Manuel Gomes, falou em nome da Direcção, apresentando as suas saudações ao sr. vice-presidente da Câmara, referindo-se à existência da colectividade desde há sete anos e à sua útil obra de educação, recreio e beneficência, no Alto das Vinhas Grandes.

Poz em destaque o amparo que tem obtido dos homenageados, quando os tem procurado para assuntos da agremiação, salientando igualmente o carinho e apoio que lhe foi dado pelo sr. Serra Junior, então presidente da Câmara —, há mais de sete anos, quando se pensou em crear alí uma sociedade recreativa, aquela agora em festas de aniversário comemorativo.

Justificou ainda como preito de gratidão, as razões da homenagem, que alí era prestada em nome da população local, o que obteve largos aplausos dos assistentes..

O orador referiu-se com reconhecimento ao generoso donativo do importante diário da capital *O Século*, por intermédio do seu ilustre director, sr. João Pereira da Rosa, destinado a auxiliar a distribuição de um bodo às crianças do bairro, mantendo-se assim uma tradição de beneficência da Sociedade Recreativa do Alto das Vinhas Grandes.

(*Continua na página 6*)

Agradecimento

Joaquim José Caetano Salazar Leite, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram pela sua doença.

Concurso Hora Feliz

No passado dia 16, na nossa Redacção, pelas 12 horas, foi deslacrado novamente o relógio confiado à nossa guarda, deste Concurso que a Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, da Praça 1º de Maio, em Montijo, está promovendo.

O relógio parara nas:

15 horas e 5 minutos

O cupão premiado mais próximo desta hora, pertencia ao sr. Manuel Futre, residente na Rua Almirante Reis n.º 68, Montijo, que indicava 15,06 m.

— Porque não se inscreve imediatamente? O prémio é tentador, (250$00 em compras), e a inscrição uma bagatela!.

Inscreva-se pois, no CONCURSO HORA FELIZ!

EXAMES

— Com a alta classificação de 17 valores, acaba de terminar o Curso de Composição do Conservatório Nacional de Música, o jovem artista montijense Jorge Manuel Rosado Marques Peixinho, de 16 anos de idade.

No campo musical tem afirmado o seu valor, quer na composição, onde já é professor, quer na execução de piano, em que já se encontra no último ano.

Ao prestigioso elemento da arte musical em Montijo, bem como a seus pais e à distinta professora, sua tia, sr.ª D. Judite Rosado, endereçamos as nossas felicitações, auspiciando-lhe os melhores êxitos futuros.

— Concluíu o 2.º ciclo liceal, com alta classificação, a menina Carlota Landeiro, gentil filha do nosso prestimoso colaborador sr. prof. José Manuel Landeiro, pelo que lhes apresentamos as nossas felicitações.

Parque Municipal de Montijo

O nosso Município aprovou recentemente e vai enviar a quem de direito, para a necessária comparticipação, o projecto de aformoseamento do parque de Montijo, tornando-o assim mais atraente para recreio de espirito das crianças, dos velhos, dos doentes e da nossa gente moça, — obra que se impõe para prestigio dessa sala de recepção, dos nossos forasteiros e visitantes categorizados de Montijo.

Parabéns

Dia 26/8/56

Augusto António Fernandes

Sua filha deseja a seu querido pai as melhores venturas pelo seu aniversário, nesta data.

13.453 contos de subsídios concedidos às corporações de bombeiros do Continente e das Ilhas

Foi sancionada pelos srs. ministros das Finanças e do Interior a proposta que lhes apresentou o Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios, para a distribuição da colecta cobrada o ano passado, com aplicação em aquisições de material e manutenção de serviços de corporações de bombeiros de todo o País — continente e Ilhas adjacentess, na totalidade de 13.453 contos, abrangendo subsídios às Câmaras Municipais de Lisboa e Porto, e bem assim às restantes corporações de municipais e voluntários.

Dessa importante verba, compete ao nosso distrito Esc. 739.500$00, assim distribuidos: — B. V. de Alcácer do Sal, 7.500$00; B. V. de Alcochete, 25.000$00; B. V. de Almada, 40.000$00; B. V. de Cacilhas, 40.000$00; B. V. da Trafaria, 10.000$00; B. V. dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, 50.0000$00; Corpo de Salv. Publ. do Concelho do Barreiro. 50.000$00; B. V. de Grândola, 12 000$00; Corpo de Salv. Publ. do Concelho da Moita, 30.000$00; *B. V. de Montijo, 25.000$00*; B. V. de Palmela, 10.000$00; B. V. de Pinhal Novo, 10.000$00; B. V. de Santiago do Cacém, 20.000$00; B. V. de Sesimbra, 10.000$00; Câmara Municipal de Setúbal, 350.000$00; B. V. de Setúbal, 25.000$00 e B. V. de Sines, 25.000$00.

Agradecimentos

Carlos da Veiga Chora

A família de Carlos da Veiga Chora, vem muito penhorada agradecer a todas as pessoas que a auxiliaram no espectáculo de fados de amadores, levado a efeito no pretérito dia 4 do corrente, na esplanada que gentilmente foi cedida pela Banda Democrática 2 de Janeiro, assim como aos Bombeiros Voluntários de Montijo, que desinteressadamente prestaram o seu serviço.

A família de Carlos da Veiga Chora, vem muito penhorada agradecer a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada o seu estimado pai, avô, sogro, e tio, falecido em 13 do corrente.

Organizações Progresso

Oiçam todas as 3.as feiras às 13 horas, através do Clube Radiofónico de Portugal o programa «REVISTA DESPORTIVA», uma produção de Fernando de Sousa, com o patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de: Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte

Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º-Esq.º
LISBOA

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 23 — *Diogo*
6.ª-feira, 24 — *Giraldes*
Sábado, 25 — *Montepio*
Domingo, 26 — *Moderna*
2.ª-feira, 27 — *Diogo*
3.ª-feira, 28 — *Giraldes*
4.ª-feira, 29 — *Montepio*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 9 horas.
6.ª-feira — às 9 horas.
Sábado — às 9 horas.
Domingo — às 8, e 11,30 horas.
Domingo, (Afonsoeiro), às 10 h..

Espectáculos

CINEMA 1.º DEZEMBRO

4.ª feira, 29; (para 18 anos), Um drama admirável, com a formidável Marta Toren, «A Sombra».

5.ª feira, 30; (para 13 anos), O *filme* de aventuras em Cinemascópio, «O Demónio dos Mares».

6.ª feira, 31; (para 18 anos). O gigantesco *filme* de aventuras em Tecnicolor, «Tempestade na Planície».

Sàbado, 1; (para 18 anos), O *filme* que fez 5 semanas no Tivoli e que o público e a crítica aplaudiram com delirio, «Loucura em Veneza», (colorido).

Domingo, 2; (para 13 anos). O drama de aventuras filmado em 3-D Relevo Natural, «O Rio das Penas».

2.ª feira, 3; A continuação de um êxito de gargalhadas com Donald O'Connor, «Francis (o macho que fala) Detective.

3.ª feira, 4; (para 13 anos). Um livro célebre num *filme* maravilhoso, «As Aventuras de Robinson Crusoé».

4.ª feira, 5; (para 13 anos), O drama colossal, «Vida da Minha Vida».

CINE POPULAR

5.ª feira, 23; (13 anos) Um sensacional programa, os mistérios do Oriente vistos em, «Hong-Kong», e em complemento, um *filme* de Bing Crosby, «A Secretária Ideal», no programa, Revista Paramount.

Em virtude da Romaria da S. da Atalaia, este cinema reabre na, 4.ª feira, 29; com o excelente *filme* Mexicano, «Uma Mulher Decente», com a linda, ardente e escultural Elsa Aguirre, um *filme* que todas as mulheres gostarão, e em que todos os homens têm muito que aprender; no programa, interessantes complementos curtos.

Vendem-se

— DUAS QUARTOLAS de 500 litros, usadas, em estado novas. — Informa-se nesta Redacção.

— APARELHAGEM completa para fabrico de bicos para fogareiros a petróleo — UM BALANCE e outros aparelhos adequados à indústria metalúrgica. — Informa-se nesta redacção.

— ARAME n.º 14, para enfardar palha.
R. Dr. Manuel da Cruz Jor., 32 — Montijo.

Trespassam-se

— TABERNA, por motivo de não poder estar à testa da casa. Informa na R. Almirante Reis, 123 Montijo.

— ESTABELECIMENTO de papelaria, tabacaria, perfumaria, artigos eléctricos, e louças. Em Montijo, bom local. — Nesta redacção se informa.

Empresta-se

— 100.000$00 sobre hipoteca. — Nesta redacção se informa.

Fala o homem do povo

(Continuação da primeira página)

celência, adoradora do seu lar e dos seus deveres, sinto-me alguém quando o confesso, sinto-me maior quando o relato aos que me escutam e aos que me leiem.

Sou, portanto, filho do povo e nisso tenho a maior honra.

Meus avós foram: um alfaiate, outro, também músico; e elas, domésticas, sempre senhoras de suas casas e nada mais.

Se alguma coisa sou, a mim o devo, ao meu amor pelo estudo, ao meu trabalho honrado, ao meu próprio esforço, ao desejo incomensurável de saber e de aprender, à minha tenacidade em respeitar as cinzas dos meus antepassados e em lhes seguir os exemplos.

E assim tenho vindo pela vida fora, não esquecendo nunca o que devo aos meus e às suas memórias, procurando manter o meu carácter através de todas as vicissitudes e formar uma personalidade que esteja de acordo com os princípios em que me educaram e em que me eduquei.

Dentro destes princípios, tenho-me colocado sempre ao lado dos fracos, dos humildes, dos infortunados, dos pequenos, dos menos favorecidos da sorte e da vida, lutando pelos meus iguais com denodada contundência.

Sei que muitas vezes estes mesmos o não merecem.

Eu, porém, que obedeço à Ideia e não reparo no indivíduo, continuo a trajectória traçada pelo meu sentimento e pela minha inteligência. Não me importo com as inferioridades humanas.

Tenho sido vítima das Causas e de muitas ingratidões. Continuo defendendo a justiça dessas Causas e desprezando os ingratos. Nenhuma força me fará arredar dos meus propósitos.

Possuo também meus defeitos. Quem os não tem?

Entre os muitos que possuo, ponho nas primeiras filas o de me deixar explorar na minha inata bondade por uma caterva de cínicos e falsários de todo o jaez.

Sigo, assim mesmo. A minha obra não me pertence. Pertence aos que me deram o ser e que me gritam a todo o instante a lição dos seus actos, o pensamento que lhes serviu de guia e orientação.

Possuo ainda outro mais poderoso e mais prejudicial: Esqueço e perdôo com a maior facilidade.

Isto é que é uma verdadeira desgraça, neste momento calculoso e vingativo que atravessamos. Deixá-lo. Cada um é como é. Serei sempre incapaz de me aproveitar de ocasiões para revindictas inúteis. E já sei que só depois de morto me farão a devida justiça, com laudatórias discursatas e artiguelhos farfalhudos no prólogo.

Nada me obrigará a recuar. Não transijo, não abdico, não me curvo, não me dobro, não desisto, — meus nobres e queridos sarrafaçais! Podem contar comigo até a apoteose...

Eis o que o homem do povo resolveu dizer-vos, clara e sucintamente, com toda a hombridade, com aquela digna atitude que os homens de bem costumam usar em todos os actos da sua vida.

Nunca me servi, nem me servirei, de subterfúgios, de trapaças, de deslealdades, de traições, de pantominas habilidosas, de falsos processos. Seguirei de cabeça levantada, olhar franco, alma desempoeirada, sem reservas, sem «castelos de marfim», mas com as minhas convicções inabaláveis até o fim de tudo.

Falou o «homem do povo». Ouviram?

Não gostaram? Desesperaram-se ainda mais? Paciência... Ficarei talvez sózinho em campo.

Ficarei apenas com a minha grande amiga: A CONSCIENCIA!

Alvaro Valente

Publicações Recebidas

— *Boletim da Casa do Alentejo* — N.º 232, Agosto.

Director: *Dr. Victor Santos.*

Continua este Boletim a sua marcha de propaganda pela província que defende, — a região mais desprotegida de Portugal —, no dizer do seu Director ilustre.

É uma obra tenaz, por isso mesmo digna de toda a simpatia, ora batalhando pelas belezas regionais, ora homenageando os homens que o merecem, ora lutando pelas aspirações legítimas.

O número presente é a sequência destas directrizes.

Nele se debatem problemas alentejanos, de tamanha acuidade, se homenageiam figuras de destaque, se faz a pequena monografia de terras características daquela província.

Na secção «30 anos de acção cultural da Casa do Alentejo», em continuação desde o N.º 230, nos certificamos de quanto essa acção cultural tem sido valiosa e dignificante.

Merece, pois, o nosso aplauso pelo realizado e o nosso agradecimento por nunca se esquecerem de «A Província», — que vive paredes meias com essa região.

— *Plateia* — Revista Popular de Cinema — N.º 129 — Lisboa.

Director: *Baptista Rosa.*

A «Plateia» é aquela revista que corresponde em absoluto à ideia da sua criação: — popularizar o cinema.

Na verdade, a forma despretenciosa, simples, original como o faz, torna-a extremamente adorável, pelo que a sua leitura deleita o leitor.

É uma faceta até curiosa. A revista não é sumptuosa, não arrisca voos por estranhos horizontes; mas assim mesmo, na modéstia em que se envolve, impõe-se pela apresentação e pelos intentos que a orientam.

O número que temos presente, traz na capa Virgínia Mayo, e por ele fora são ilustrações e crónicas que interessam, inquéritos curiosos, reportagens de relevo, e em separata a fotografia colorida de Tony Curtis, autografada.

Com os nossos agradecimentos pelo exemplar remetido, vão também as costumadas felicitações, bem merecidas.

Nossa Senhora da Atalaia

(Continuação da 1.ª página)

Há missa, ofícios de igreja, é certo; mas também há foguetes em barda, arraial, bailarico e folguedos para o povo, que se diverte com esta homenagem à sua Santa Padroeira.

Os festejos da Atalaia constituem um acontecimento de monta para o povo daquelas redondezas, e dão um certo desenvolvimento ao comércio, que nesse dia «tira a barriga de misérias», — como é hábito dizer-se.

— Senhora da Atalaia, rogai por nós! — dizem os seus fiéis, enquanto estão na capelinha, ajoelhados em grande devoção durante os ofícios religiosos e festividades. Mas isso não impede que esses mesmos crentes e forasteiros, uma vez aqueles actos terminados, dêem largas ao seu espírito folgazão e divertido, ouvindo a música das bandas locais, bailando e comendo ou jogando nas barracas de diversões, enquanto os foguetes estalam no ar em girândolas quase ininterruptas.

Assim é o nosso povo: simultâneamente crente e divertido, numa simplicidade comovente que toca o nosso coração e o da Santa, certamente, sem fanatismo nem ostentações de luxo que diminuem a fé aos olhos de Deus e de muitos homens!

Aníbal Anjos

Pequenas Biografias

II

Miguel de Cervantes

Miguel de Cervantes Saavedra nasceu em Alcalá de de Henares Espanha, em 1547.

Este curioso escritor espanhol, que atingiu fama universal com o seu livro «D. Quixote», correu vida aventureira e cheia de peripécias.

Acompanhando o charlatão de feiras e aldeias, que era seu pai, foi assim aprendendo nas lições da vida o que lhe faltava em cultura.

Não obstante haver na sua terra natal uma Universidade, nunca a cursou e fez a sua instrução como um autodidata vagabundo.

Logo na mocidade deixou nome nas aventuras de «capa e espada». Bateu-se em duelo, envolveu-se em casos de amor que mal o colocaram, deu que falar com suas atitudes na sociedade desse tempo.

Aos vinte e três anos vamos encontrá-lo em Roma, certamente fugido de Espanha em virtude dessas anomalias.

Depois de ali viver um ano, alistou-se no exército. O seu feitio irrequieto e aventureiro empurrava-o para novas proezas. Na batalha de Lepanto, onde combateu, foi ferido e ficou inutilizado da mão esquerda, pelo que lhe puseram a alcunha de «aleijado de Lepanto», de que fazia sempre grande ostentação.

Regressava à sua pátria, depois da guerra, quando foi aprisionado por piratas mouros que o venderam como escravo. Cinco anos andou nesta situação, até que o resgataram.

Chegado a Espanha, iniciou a sua carreira das letras. Escreveu poesias e dramas às catadupas. Umas e outros, porém, não passavam de tentativas inúteis sem qualquer sucesso. Os seus trabalhos literários não alcançavam o menor êxito.

Aos 41 anos, casado e com uma filha extra matrimónio, resolveu empregar-se. Foi agente comercial da Grande Armada e colector de impostos em Granada. Neste último emprego fez um desfalque e foi preso. Aí jazeu na prisão, condenado por esse crime.

Ao sair em liberdade, voltou-se novamente para as letras. Os insucessos, porém, continuaram. Lopes da Vega escreveu a este respeito. «Não há na Espanha nenhum poeta tão mau como Cervantes». Não obstante, ele não desistia. Falhando e teimando, chegou aos 58 anos como um pária prestes a liquidar.

E é nessa altura da vida que, inopinadamente, após tanta inutilidade poética, sobe à glória com seu romance «D. Quixote».

Há muito que ele o escrevia, nos tempos da prisão, no meio dos sofrimentos, necessidades, e amarguras. Talvez por isso mesmo, a obra resultou plena de realismo e obteve tamanho êxito.

O livro é um repositório de aventuras alegres, mentirosas, que ressumam defeitos e imperfeições; mas tem páginas originais, páginas que espelham a vida e o indivíduo, páginas que são verdadeiras caricaturas e aceradas sátiras.

Saiu à luz da publicidade em 1605 a sua primeira parte. Todavia, nem assim melhorou a existência do autor. As aventuras escabrosas e libertinas continuavam... Voltou a ser preso, — desta vez acusado de assassino —, e, provada a sua inocência, voltou à liberdade e às letras.

Depois de muita poesia medíocre e de contos sem valor, que lhe ocuparam dez anos, escreveu a segunda parte do seu «D. Quixote».

Esta saiu melhor do que a primeira. Desesperado por um tal Avelaneda ter publicado uma continuação da primeira parte do seu livro célebre, escreveu a segunda parte e apressou-se a publicá-la, em 1615.

Fez bem em se apressar com essa publicação, pois no ano seguinte morria, legando aos pósteros uma obra imortal e a história louca duma vida repleta de audácias e misérias.

O seu livro, porém, em duas partes sensacionais, chegou para lhe abrir as portas da eterna celebridade.

Àlvaro Valente

As excursões dominam hoje grandemente os espíritos, ávidos de alargar seus horizontes...

(Continuação da 1.ª página)

oferecem os outros países e seus povos, em que domina, como em nós a ânsia do «mais e melhor», — o que louvadamente é sua idéia dominante.

Com as excursões internas e externas, vão buscar-se aquelas condições que são do interesse geral e contribuem largamente para o progresso de todos.

Interessando o maior número — podem permitir — com maiores e melhores condições — aquele ideal, pensamento e objectivo de dar a todos aquela alegria e felicidade ambicionadas.

Soeiro da Costa

Casa de Móveis
DE
Luís Moreira da Silva
Gerência de
Francisco Campos
Apresenta um grande e variado sortido de Mobílias restauradas e uma grande diversidade de móveis avulso. — Compram-se e vendem-se móveis aos melhores preços.
Rua do Hospital, 16 — Montijo

Carta dum Crente

Meu atribulado Fernando

Li, reli, treli a tua angustiosa carta do mês transacto. Deixei-a amadurecer no pandemónio da minha secretária e, hoje, aqui me tens, procurando, no âmbito paupérrimo das minhas minguadas possibilidades, dar lenitivo à tua dor.

Tranquiliza-te, meu caro Fernando. O teu caso não constitui excepção à regra. Poderemos, quiçá, considerá-lo o «curriculum vitae» de uma infinidade de almas nobres e generosas que o vendaval impiedoso da desventura desfolhou prematuramente. Há, porém, que reagir com vigor e tenacidade, impondo a nós próprios medidas draconianas. Depois do Outono precoce vem, adentro das entranhas do Inverno que ele gera, a radiosa primavera que tudo fecunda e renova.

Dizia com muita propriedade o meu professor de filosofia, D. Manuel Trindade Salgueiro, ao tempo Lente da Universidade de Coimbra e hoje Arcebispo de Évora, que «sem vontade, não há esforço e, não há grandeza».

É indubitàvelmente assim. Esta frase minúscula encerra um mundo de maravilhas e de verdades incontroversas. Foi sempre o meu talismã nas horas cruciais duma luta titânica que, graças ao Eterno, venci gloriosamente. De resto é por demais evidente que o indivíduo que ingressa na peleja com a certeza antecipada da derrota está prévia e infalivelmente derrotado. Deves, pois, meu dilecto amigo, pôr de parte o derrotismo e quejandos palavrões que anavalham o teu cérebro escandecido pela dor. É curioso como me retratas fielmente o teu estado de alma, recordando-me aquela personagem trágica que a ficção de Dostoiewski imortalizou na «Voz Subterrânea». — um doente do fígado, dos rins, do estômago, do coração, em suma, de todas as vísceras e órgãos, que, atravessando as rua« de S. Petersburgo, no meio de uma multidão heterogénea, sentia, extasiado, a grata companhia dos orgãos e das vísceras, como bons amigos e únicos... porque elas, de doentes, acusavam a presença dolorida: sem isso, ele se sentiria só.

Renega, Fernando, os conceitos doentios de Dostoiewski porquanto, embora se trate dum consagrado autor de romances de profunda observação psicológica e de grande intensidade dramática, não deixa de ser, por vezes, um tremendo pessimista.

Também eu, outrora, devorei, como um louco, páginas de fogo idêntico, através das suas obras imortais: Crime e Castigo, a Casa dos Mortos, Diário dum Escritor, etc. Não obstante, colhi dele o que considerei o melhor do seu talento: aquelas centelhas divinas que o levaram a preconizar no fim da sua vida a regeneração do mundo pela religião cristã.

Não compliques as coisas, dilecto Fernando. «A teia emaranhada da vida» somos nós que a tecemos de forma bem antagonista à da casta e judiciosa Penélope. No fundo, a vida é simples, diáfana como cristal purissimo. Evidentemente que se nós embotamos ou conspurcamos esse melindroso cristal, urge temperar o carácter no cadinho da persistência e, porque não dizê-lo, da heroicidade para de novo conseguirmos a sua primitiva ou imaculada transparência.

Liberta-te, pois, a golpes de vontade, desse pessimismo horrendo que te chumba ou amortalha a alma. Não te deixes agrilhoar como o nosso Antero do Quental, que no ataúde da angústia que construira com as próprias mãos, rugia aos ventos da sua descrença: «o pior mal é ter nascido».

A tua sinceridade é arrepiante quando amargamente confessas que te sentes «infinitamente só». Compreendo e avalio a tua solidão. Ergue, porém, os olhos ao céu ou «sursum corda» como lembra a antífona divina. Enche a alma de influito. Entra no templo. Genuflecte. Levanta os olhos rasos de lágrimas para o altar e Deus misericor-

Por João Pereira Bastos

dioso ouvirá, sem dúvida, a tua prece fervorosa e dolorida.

Lembra-te, meu infeliz amigo, que tens a vida plena à tua frente. És novo. Tens talento e qualidades virgens que carecem de ser exploradas. O futuro pertence-te. Teus pais, hoje senhores duma sólida fortuna, asseguraram-te, a cutiladas de sangue, suor e lágrimas, um porvir sem preocupações materiais.

Que mais pretendes?! — Eu sei — a tranquilidade incomparável da consciência, ou melhor ainda, a cura moral.

É indubitável, Fernando, que estás gravemente doente. Enfermas dum terrível pesadelo. Enveredaste pelo monólogo e o monólogo é denunciador destas crises agónicas. Desfiaste um rosário de amarguras objectivas e subjectivas. Foi uma litânia imensa de verdades e impropérios, sarcasmos e heresias.

Ferido no mais profundo do teu coração, afirmas, meu pobre Fernando, que «a vida é dum ridículo fantástico». Aceitas, «a priori», esta conclusão, olvidando que ela deriva ou resulta fatalmente das premissas que o teu estado espiritual enunciou. Conheces, também ou melhor do que eu, aquele velho axioma, segundo o qual duas premissas erradas geram infalivelmente uma conclusão idêntica.

Deixemos, contudo, balofas polémicas ou vãs filosofias, que nada resolvem da vida prática, e entremos a fundo ou descarnemos sem pejo a essência da tua confissão.

«Ai, criança, mimado, estragado» etc; e mais além refere o caso de fracassados que se suicidam. «Deram tudo à vida e ela nada lhes deu em troca: então acabam com ela». E continuas no teu infernal questionário: «O homem não mata a mulher que o trai, o amigo que o falseia, o cachorro raivoso que se volta contra ele?» Depois aventas a hipótese da vacina preventiva. Garantes que ela existe. Estabeleces analogias, invocas raciocínios, concatenas, deduzes, induzes. Até o velho Sócrates, pai da filosofia e mestre do divino Platão, entrou na almoeda horripilante do teu cérebro incendido, descontrolado pela dor. Não importa. Desabafaste.

Confrangedoramente, ouvi, senti latejar, estoirar o teu coração. Lícito é pois esperar que acates os meus conselhos. Vou falar-te com a alma nas mãos, sem rebuço, lealmente, francamente, sinceramente, de homem para homem, ou melhor, de irmão para irmão. Perdôa a minha rudez.

A amálgama da tua vida presente, é a consequência directa e imediata da dublez ou inconstância do teu carácter de outrora. Direi mais concretamente: Carecias, a todo o transe, de penar, sofrer, temperar o teu «eu» no cadinho de amarguras infinitas para te redimires, para te transfigurares num novo homem. Andaste já meia caminhada. Creio firmemente em Deus que chegarás ao fim, embora a estrada seja longa e grande a cerração. Importa, porém, que mudes de rumo. Faltam-te as asas da fé para transpores o pântano que te separa ainda da perfeição. Não há vitória sem combate, nem combate sem dor e sangue.

O sistema por ti enunciado enferma de nulidade, não resulta. Se o perfilhares, cairás indefectivelmente no «círculo vicioso» a que aludes.

No âmago, és uma criança grande — afável, carinhoso, bom fundo, pai amantíssimo e esposo bonacheirão que nunca soube impôr-se à mulher rebelde, amimada, vaidosa, inconstante mas consciente da sua omnipotência. Fizeste dela, tu e só tu, uma felina emérita que te agadanhou impiedosamente a alma por te carecer o ânimo para lhe cortares as unhas rentes. Foste e és vítima da tua pueril ingenuidade.

Tenho acompanhado de perto a tua tragédia moral. Não ignoro, todavia, que um sorriso dela te deixa embelecado, embevecido, inebriado. Perdeste voluntàriamente e por incúria grandes causas. Não soubeste tirar partido da amarga experiência. Es, afinal, um leão com coração de pomba. Hoje, matas, esfolas. Amanhã, és um cordeiro, um inofensivo comparsa da tragédia que criaste, ensaiaste e levaste à cena com pleno gáudio duma caterva de inimigos que nos bastidores espreitavam ciosamente a tua queda.

Sinceramente receio dar-te um conselho neste capítulo conjugal, dado o melindre de tão espinhoso quão difícil assunto. Tenho uma filha e peso conscientemente a imensa responsabilidade de abordar semelhante problema. De resto, tu não me pediste o meu veredicto. Não obstante, presumo ter lido algo nas entrelinhas da tua carta.

Dir-te-ei, pois, em nome de Deus e de tudo quanto há de mais sagrado que se porventura existe de facto e de verdade qualquer questão de honra, *e só de honra, puramente honra*, da parte de tua mulher, deves renegá-la para sempre como um autêntico demónio. Se não há, tudo o mais se pode perdoar, depois de um longo e severo castigo moral. Lembra-te que estás unido a ela pelos liames indestrutíveis da igreja.

Em qualquer hipótese, ou com ela ou sem ela, — consoante o caso — não esqueças, meu querido Fernando, a verdade eterna de Guido da Verona — «A vida começa amanhã».

Tormentos, agruras, reveses, quem os não tem?! Santo Agostinho, o insigne filosófo e venerando Doutor da Igreja, confessava desoladoramente: «*Inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te*».

Até lá, impõe-se que deixes, quanto antes, o teu inferno dantesco e ingresses decididamente no oásis bendito da promissão.

É justo, é racional, é humano que proporcioneis a teus santos pais uma réstea de paz e felicidade. Atingiram o último quartel da existência, consumidos, minados de desgostos e canseiras.

Queres ser feliz? Queres vencer na vida? Não queres estar só? Queres dar um nome honroroso a tua filha? Queres provar a toda a gente que te redimiste para sempre? Queres deslumbrar os que te odeiam? Queres aniquilar os que anseiam a tua ruina e o teu descalabro? Em suma, queres ter paz na alma e alegria no coração.

— Quando estiveres só, «infinitamente só», cai de joelhos aos pés do teu leito de amargura e chora e reza à Virgem Puríssima, Consoladora dos Aflitos, aquela oração breve e divinamente bela que a tua mãezinha te ensinou a balbuciar, sentado no colo, unindo-te as mãos pequeninas em súplica angélica: — AVÉ MARIA!

O melhor e inconfundível abraço do

João Pereira Bastos

Chávenas de café quase amargo

Poeta da própria profissão

Não basta exercer a profissão como dever. Importa exerce-la com amor, com entusiasmo, encarando-a superiormente. Há que ser poeta da própria profissão.

Personalidade e educação

Por boa não podemos ter a educação que, em vez de personalidades bem vertebradas, forma alforrecas. Dos amorfos, gelatinosos e peganhentos não reza a história, a não ser para lhes dar com a marreta da troça. A educação há-de formar homens — homens e não sombras —, carácteres íntegros, e não moluscos sem carapaça moral. «Un caractére bien fade — disse La Bruyère — est celui de n'en avoir aucun». De um carácter mau, talvez, por via da sublimação, se possa formar um bom. Do zero psicológico é que não se pode fazer nada.

Ideal e real

Devemos prender o nosso destino a uma estrela, como quem diz a um ideal, mas sem deixarmos de fincar bem os pés no real. Só o útil, de utilidade imediata, é condenável, em educação, por limitar excessivamente as perspectivas. Mas, também, só o ideal, inteiramente desligado do real, do vital, do útil, seria erro crasso. Há que conciliar os dois aspectos, em justo equilíbrio; há que temperar Quixote com Sancho. Do real ou do útil, poderíamos nós dizer, com o poeta:

Plus on le coupe et plus il est naissant, Et rejetonne en branches davantage, Prenant vigueur de son propre dommage.

Sibaritismo pedagógico

Em pedagogia, nem tudo podem ser suavidades e doçuras de leite e mel. Há muitas coisas que o aluno só pode aprender pelo esforço pertinaz, por vezes doloroso. E' sistema ideal, bem o sabemos, o de fazer coincidir o prazer com o esforço. E tudo se deve orientar no sentido de se aprender com gosto. Mas, por mais que doiremos a pílula, há conhecimentos que só se podem adquirir com algumas caretas. E convém, até, habituar os alunos a conseguir vitórias sobre si próprios, levando-os a aprender coisas que não entram no espírito sem o drama da dor. Nem tudo pode ser sabaritismo pedagógico.

Pisar o risco

Melhor do que teimar numa ofensa, é pedir perdão. Mas, melhor do que pedir perdão, — é não ofender. Pela confissão, pedimos perdão a Deus das ofensas que lhe fizemos. Mas, de certo, Deus há-de preferir que não pisemos o risco.

Morte ubíqua

Baldadamente nos embonecamos: o tempo alimpa-nos de todos os cosméticos, suga o vermelhão a todas as faces, dilacera todos os enfeites, dá sumiço a todos os perfumes, despinta todos os cabelos, cava rugas em todos os rostos, por cada dia volvido nos mostra a nossa caducidade — rio que fatalmente vai despejar na morte.

A morte lê-se nos lírios de todos os campos, no efémero de todas as rosas, no viço de todas as faces, no vigor de todas as saudes, nas rochas do planeta e nas miríades de astros da Via Láctea.

Bisca aos celibatários

Não falta aí quem, por egoísmo, se furte a dar filhos ao mundo. O celibato só tem razão de ser no sacerdote (a demonstração da nossa afirmativa levaria muito tempo), ou em indivíduos que, fora do sacerdócio, vivem inteiramente para a comunidade, ou ainda naqueles que, por deficiências físicas ou mentais, ou ainda naqueles que, por penúria económica, não poderiam cuidar da prole.

Excepção feita desses casos, o homem não se deve encaracolar no seu egoísmo, fugindo a perpetuar a espécie. Muitas coisas são indignas do homem: Uma delas é justamente a de morrer sem descendência.

Serviços em Tribunais
Sousa Gago
Solicitador - Encartado
ESCRITÓRIO
R. de Santa Maria, 12-1.º
Telefone 23787
SETÚBAL

SANFER, L.D

SEDE
LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS
MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Os homens e as atitudes

Há homens que definem atitudes e atitudes que definem os homens. Nuns casos e nos outros há sempre uma filosofia a estudar e pontos de vista a defender. Todavia, as lições que se tiram da segunda hipótese são predominantemente mais profundas e valiosas e habilitam-nos

Por José dos Santos Marques

a conhecer melhor o nosso semelhante, aquele com quem dia a dia lidamos e é isso que mais importa, no final de contas. As atitudes é que definem os homens e de tal forma que mais nos aproximamos ou afastamos deles, consoante essas atitudes merecem a nossa aprovação e o qualificam como homem de bem ou obtêem a nossa reprovação e o fazem alinhar ao lado daqueles que distinguimos com o nosso opróbrio.

Quando o homem procura definir as suas atitudes está a tentar justificar-se e nem sempre é bem compreendido e interpretado. As atitudes têm de ser claras e firmes, sem dar lugar a posições dúbias, para que não seja necessário defini-las, esclarecê-las. Procurar justificar uma atitude é quase negá-la, é quase na verdade tomar uma nova atitude e será frequentemente melhor tomá-las do que defini-las, porque isso compete aos outros, aos que nos escutam ou assistem aos nossos actos, e não a nós.

Diz o povo, na sua infinita sabedoria, que as atitudes ficam com quem as pratica e aqui se aceita já, implicitamente, que não há que defini-las, mas apenas que tomá-las.

Também não é boa política voltar atrás, dar o dito por não dito. Se por um lado este facto pode representar uma rectificação de pensamento, nem sempre é olhada por esses prismas, mas antes, como inconstância de carácter e nada há, certamente, mais prejudicial ao respeito pelo indivíduo do que a velubilidade de carácter. Homem de duas caras não merece confiança, a retratação não dignifica, avilta.

Daqui se deduz que a firmeza de atitudes tem implìcitamente a simpatia dos verdadeiros homens e ninguém confia nos *trafulhas*, nem mesmo os outros *trafulhas*, pois não confiando em si próprios muito menos confiam nos outros.

Sejam, pois, quais forem as consequências, as atitudes que se tomam devem ser mantidas. É nobre que se reconheça um erro, mas esse reconhecimento deve ser manifestado por uma atitude e não por uma retratação cobarde e indigna. Mas, melhor do que tudo, é evidenciar todos os esforços para que não se pratiquem erros. Estar atento aos acontecimentos e manter viva a inteligência. Não creio, todavia, que o ser humano possa empregar com pleno êxito esta filosofia, muito embora se deva esforçar para tanto.

Não reconhecer os erros é também uma atitude que define o indivíduo.

E aqui estamos no ponto de partida: as atitudes definem os homens.

Perdoai-me meu Deus!

(*Continuação da página 2*)

cantis! Aproximar as distâncias, sem sentir o lento correr das horas que nos separam de alguém, que muito amamos. Crer!. Crer sem restrições; ser completa, perfeita; sentir dentro do corpo essa parcela de divindade que nos imuniza contra todas as dúvidas! Ter existido no tempo de Jesus: tê-lo visto, ter beijado as suas divinas mãos, sabendo que beijava a divinidade, e guardar o sabor desse beijo enquanto a vida me não esvaziasse o corpo!.

Essa, seria eu, como eu queria ser. Perdoai-me, meu Deus!, que me fizeste assim, que me colocaste no Mundo à mercê de todo o sofrimento; que deixaste que me escapasse a alma pelos vidros baços dos meus olhos; que apenas permitiste o QUASE onde eu ansiava pelo TUDO.

Perdoai-me, meu Deus!.

Nela de Castro

Excursões e Praias

Graças aos primores da época estival que vimos atravessando, têm-nos visitado ùltimamente algumas excursões provenientes do centro e norte do país. Assim os seus componentes têm admirado alguns dos aspectos da vila de Montijo, os nossos ubérrimos campos e a alvura das nossas salinas, a par da imponência do Tejo que banha as nossas margens.

Nestes últimos dias, também a nossa iodada praia da Casa Branca, tem sido muito visitada por numerosas pessoas da nossa terra, que para ali se fazem conduzir, no desejo de naquele recanto receberem os eflúvios da irradiação solar, em contacto com as águas dessa nossa progressiva praia.

Igualmente, já regressaram ao seio de suas famílias os nossos amigos que compunham a «*caravana excursionista*», que no dia 5 do corrente, seguiu para o Norte do País, e visitou terras da Galiza, de cujo passeio recolheram as melhores impressões de visita.

Folgamos bastante que tudo lhes tivesse decorrido com satisfação, e felicitamo-los por esse motivo.

Sociedade Recreativa do Alto das V. Grandes

(*Continuação da página 3*)

Seguiu-se no uso da palavra, o sr. Ruy de Mendonça, redactor da «Gazeta do Sul», significando a simpatia que lhe merecia a colectividade em festa, tal como ali dissera há um ano, na sua sessão solene do 6.º aniversário.

Pela data festiva que estava a solenizar-se; apresentava as suas felicitações, e fazia os seus votos pelo futuro engrandecimento daquela colectividade.

Em nome do jornal «A Província», usou em seguida da palavra, o nosso redactor sr. José Miguel Martinho, saudando a assistência, com felicitações para a colectividade, pelo seu 7.º aniversário.

Em seguida o nosso redactor, referiu-se à elevada missão que a Sociedade ali tem a desempenhar, através da sua acção recreativa, cultural e beneficiente.

Aludiu à justa homenagem desse dia, e solicitou do sr. Serra Junior, digno presidente da sessão, os seus bons ofícios junto do sr. Presidente do Município, para que o Alto das Vinhas Grandes seja beneficiado, dentro do possível, nos seus aspectos de higiene e urbanização, visto ser uma localidade pobre, mas em desenvolvimento.

No final, terminou por se associar em nome do nosso jornal, à justa e merecida homenagem ali levada a efeito, dirigindo as suas saudações aos homenageados e à colectividade, nas pessoas dos seus dirigentes.

Algumas das palavras dos representantes da imprensa, e em especial as do nosso redactor, obtiveram fartos aplausos das pessoas ali presentes.

Neste momento e num ambiente de afectuoso carinho pelos homenageados, procedeu-se ao descerramento das suas fotografias, que desde aquela data servirão de testemunho de mais uma data festiva, adentro da colectividade.

A encerrar a sessão solene, o sr. António João Serra Junior, digno vice-presidente do Município, afirmou que tinha procedido em harmonia com o espírito das leis em vigor e os ditames da sua consciência, no sentido de bem orientar os fundadores desta sociedade, a poderem prestigiar o nome do bairro do Alto das Vinhas Grandes, composto por gente humilde, mas digna de se educar e cultivar, por esforço de todos.

Estava ali também, em nome do presidente da Câmara Municipal, sr. José da Silva Leite, ausente por motivos particulares, e ao qual transmitiria as provas de gratidão recebidas naquele momento, na homenagem que lhes era prestada.

No entanto, pela sua parte agradecia desde já as provas de amizade ali recebidas, às quais sempre se havia oposto, mas que tinha agora aceite, por estar igualmente envolvida nessa demonstração de carinho, a prestigiosa individualidade do sr. presidente do Município de Montijo.

Por tudo que ali tinha verificado, manifestava o seu reconhecimento e desejava muitas felicidades à Sociedade Recreativa do Alto das Vinhas Grandes, que bem representava a sua população local, louvando o esforço dedicado dos seus dirigentes.

As suas palavras de encerramento foram muito ovacionadas por toda a assistência, que se manteve de pé durante alguns minutos.

Antecedendo esta sessão, e após este acto solene, efectuou-se um baile em matinée, e outro em soirée, abrilhantados pelo apreciado Conjunto Musical «*Os Leais*». do Afonsoeiro, os quais decorreram muito animados.

As festas deste dia foram gravadas para retransmissão, pelos serviços da Rádio de «*Organizações Tropical*», do sr. Nuno de Menezes, através da Rádio Peninsular, — (Emissores Associados de Lisboa) — no seu programa das actividades de Montijo.

Segundo foi indicado pela agremiação, as suas festas comemorativas teriam seguimento até ao último domingo, dia 19, as quais desejamos tivessem decorrido com brilhantismo, até final.

J. M.

O Tiro aos Pombos

Desporto que não o é!...

(*Continuação da página 7*)

este chamado desporto, que nenhum benefício traz para a civilização, ou a quem o pratica?

Para que serve um pedaço de metal arrecadado numa gaveta, ou uma taça ganha, à custa de uma vida alheia e sã?

Melhor seria que conservassemos a vida desse ser indefeso, para podermos apreciar, até apreender os esforços e o sacrifício que as avezinhas fazem para viver, tal como nós!

Sejamos mais fundos de consciência e veremos que nada justifica que recorramos ao crime para nos divertir;

Matar, sim! para viver, mas não viver para matar!

E, como o objectivo destas frases não é apenas escrever; é muito mais elevado em sentimentos de bondade, exorto a quem as compreenda e possa exercer como de justiça, no futuro, a proibição de tal desporto.

Estou convencido de que elas farão chegar a todos o nosso fervor em pról dos animais, a quem já devemos tantos e tão bons exemplos de ternura, de que infelizmente quase nunca nos lembramos, como seria de nosso dever.

Domingos José da Silva

Calendário histórico

Coordenação de Frei Agostinho de Penamacor

Dia 1 — 1507 — A frota de Tristão da Cunha separa-se da de Afonso de Albuquerque.

Dia 2 — 1750 — Sebastião José de Carvalho e Melo, é nomeado Secretário dos Negócios Estrangeiros e da Guerra.

Dia 3 — 1766 — Morreu, na quinta de Belas, o Infante D. Manuel, irmão de D. João V.

Dia 4 — 1572 — Trava-se a batalha de Alcácer-Kibir.

Dia 5 — 1929 — Morre o Cardial Patriarca, D. António Mendes Belo, natural de Gouveia.

Dia 6 — 1945 — Rebenta a primeira bomba atómica, em Hiroshima.

Dia 7 — 1705 — Firmou-se o tratado de comércio entre a Holanda e Portugal.

Dia 8 — 1709 — Sobe aos ares a «*Passarola*», o que constituiu o prenúncio da navegação aérea.

Dia 9 — 1382 — Estabelece-se o tratado de paz entre Portugal e Castela.

Dia 10 — 1445 — Sai de Lagos uma expedição à África, comandada por Lançarote e composta de 14 caravelas.

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

José Teodósio da Silva
(Herdeiro)
Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)
Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junípero, Cremes de todas as qualidades, etc.
Fabricos pelos sistemas mais modernos.
Rua Formosa 8 — Telef. 026204—9
MONTIJO

Página da ATALAIA

Sendo nosso propósito focar os aspectos de progresso desta interessante povoação do nosso concelho, — que constitui uma ridente clareira de luz e alegria, — adstrita à vila de Montijo, reservamos para o nosso próximo número a inclusão da nossa página especial referente à vizinha localidade da Atalaia, que, agora rejubíla na realização das suas tradicionais festividades, em louvor a Nossa Senhora da Atalaia, sua padroeira.

Ao comércio e indústrias locais, e a todos que colaboraram em nossa cruzada regionalista, expressamos os nossos melhores agradecimentos.

Vivenda no Parque

— ARRENDA-SE, vivenda moderna com 7 divisões, quintal e jardim. Renda acessível.

Ver e tratar na Vivenda Nascimento, no Parque Municipal.

Fotofilme
Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhos Fotográficos
Reportagem Fotográfica
Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar
Luís Moreira da Silva
Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114
MONTIJO

do Minho ao Guadiana

Estremoz

FESTAS DE ESTREMOZ

Está organizada a Comissão das Festas de Setembro, que têm lugar nos dias 2, 3 e 4, que ficou constituida pelos presidentes de todas as colectividades desta cidade.

Do programa que, por enquanto, está apenas esboçado, deverão constar:— corridas de touros, exibição de ranchos, concertos por reputadas bandas de música, jogos desportivos, ornamentações, fogo de artifício e, ainda, outros números de interesse público.

A comissão promotora, espera que toda a população dê a maior colaboração a estas festas para honra e orgulho da cidade de Estremoz.

Fomos informados que no próximo ano, as festas terão um carácter oficial, considerando-as tradicionais.

ALMOÇO NO RESTAURANTE ALENTEJANO

Como foi anunciado no jornal «A Província», realizou-se hoje no Restaurante Alentejano, um almoço de confraternização entre os elementos do Orfeão Tomás Alcaide.

Presidiu ao almoço o fundador do Orfeão e actual presidente da Direcção, Ex.mo Sr. Artur Assunção.

O almoço decorreu com impressionante e admirável cordialidade, lendo-se alguns trechos da imprensa setubalense àcerca da exibição do Orfeão na cidade de Setúbal, em 1 de Julho p. p.

O membro da Direcção do Orfeão, Ex.mo Sr. João Malaquias, recitou durante o almoço os versos de recepção da autoria da distinta poetisa setubalense D. Madalena Claro, dedicados aos poetas do Sado e à cidade de Estremoz.

Terminado o almoço, o Ex.mo Sr. Artur Assunção, convidou todos os elementos a dar um passeio à sua propriedade do «Monte de S. José», onde durante a tarde foi servido aperitivos e champanhe.

O jornal «A Província», esteve representado nesta simpática festa pelo seu correspondente.—(C.)

Beja

TRANSFERÊNCIA

—Foi colocado em Faro, para onde já seguiu, o sr. Mário Pereira Dinis, digníssimo adjunto da Inspecção do Trabalho, que pelas suas altas qualidades de carácter e trabalho, deixa nesta cidade grandes amizades.

PROFESSORADO

—Com alta classificação acaba de concluir o seu curso em Lisboa, na Escola do Magistério Primário, a sr.a D. Maria Celeste Pratas Palma, estimada irmã do nosso particular amigo sr. Francisco Pratas Palma, residente na capital.

DESPORTOS

—Noticiaram os jornais da especialidade e de grande informação, que o Farense teria dispensado o seu jogador espanhol Celestino, que acto contínuo se transferira para o Desportivo de Beja. Porém, nesta cidade, nos meios afectos ao futebol nada se sabe, do assunto.

—Também ainda não se conhece quem virá preencher o lugar de preparador das equipas de futebol do Clube Desportivo de Beja, deixado vago pelo espanhol Marcial Camiruaga.—(C.)

GRÂNDOLA

JULGAMENTO

Realizou-se no Tribunal do Julgado de Grândola, em Tribunal colectivo composto pelos Juizes das Comarcas de Setúbal, Alcácer do Sal e Santiago de Cacém, o julgamento dos criminosos António dos Santos, «o Misérias», de 22 anos, solteiro, trabalhador, natural de Montijo e Vitalina Justina Vieira «A Cartolina», de 17 anos, solteira, natural de S. Miguel de Machede-Évora, cigana, os quais em fins de Novembro do ano findo, assassinaram, com o fim de lhe furtarem 170$00 e um burro, Beatriz Guerreiro, de 34 anos, solteira, natural de Cercal, concelho de Santiago de Cacém e a sua filha Lidía Perpétua Gomes da Silva, de 6 anos, que seguidamente meteram num saco que ataram com uma corda e atiraram à água, tendo os cadáveres sido encontrados no Rio Sado, próximo de Santa Margarida do Sado, concelho de Ferreira do Alentejo, como então os jornais noticiaram.

Os criminosos confessaram, tendo sido condenados, ele, em 24 anos de prisão e 1.000$00 de imposto de justiça; e ela, em 8 anos de prisão maior e 1.000$00 de imposto.

FEIRA DE GRANDOLA

Vai realizar-se nos dias 26, 27 e 28 do corrente mês a costumada e importante feira anual que é uma das maiores e mais características do Alentejo.

Nela figuram os vários ramos: comércio, indústria e agricultura. Gado de todas as espécies, mormente vacuum que muito se faz representar, destacando-se belos exemplares de grande corpulência e beleza, orgulho dos criadores desta região.

O Municipio faz as maiores facilidades tanto sôbre impostos de ocupação de terrado como sobre abastecimento de águas e aquartelamento.

A tradição desta feira tem-se mantido com os costumes alentejanos para apreço dos forasteiros e naturais que nestes dias acorrem aos milhares, marcando a sua posição e contribuindo assim para inúmeras transacções e valorização da feira.

Visitar Grândola nestes dias é um prazer e uma tradição que orgulha os grandolenses e distrai os visitantes com a certeza de se conhecer mais o puro regionalismo e a hospitalidade dos alentejanos.—(C.)

O Tiro aos Pombos

Desporto, que não o é!...

Por Domingos José da Silva

Não é possível compreender como o homem, ser que se diz racional e dado por civilizado, não tenha, por vezes, e em alguns pormenores da sua vida, escrúpulos de cometer crimes e, ainda, de servir-se da publicidade para os ilustrar!

Como pode o Homem sentir-se satisfeito e orgulhoso em realizar um prazer se este fôr matar?

Há uma crueldade que foi classificada como desporto, — desporto de meia dúzia de indivíduos, que nele empregam o seu tempo livre — O Tiro aos Pombos!

O Tiro aos Pombos é o desporto mais bárbaro da actualidade, aquele em que o racional livre de todas as responsabilidades rouba, indiferentemente, uma vida, para se divertir e até criar fama.

Porque, desumanamente furtar às aves, não só a Liberdade, como até a própria vida, que Deus lhes doou, o vôo que inspirou o Homem a construir alguns engenhos de que hoje dispõe?

Porque reduzir à escravatura os pombos, se para nós não a queremos? Que instrução, que proveito, que dignidade, pode o indivíduo que pratica tal desporto colher, conscientemente ou moralmente?

Que inventemos a morte para os que nos compreendem, ainda dificilmente se tolera; mas que transportemos inocentes e indefesas aves, servindo-nos da sua dócil mansidão, para um campo de execução em que lhe é aberta uma passagem, para que a esperança da Liberdade a atraia, e em que após esta inútil esperança lhe vem a morte rude, como por castigo a uma existência sem defeitos, não!

Para eles não é só a morte, porque as torturas causadas pelas mutilações resultantes de cargas mal apontadas, ou antes das avesinhas serem soltas, são largos motivos para um amplo pranto de sofrimento, de que ninguém consegue proveito.

Não haverá qualquer coração, por rude que seja, que não tenha piedade da sua vítima, que estrebucha na agonia da morte, a seus pés derramando o seu sangue?

Se não há, é porque esses seres não são humanos; são monstros, são feras...

Será realmente digno ou louvável que um indivíduo pratique

(Continua na página 6)

N.º 19 Folhetim de «A Província» 23-8-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

Em contrapartida a maldade e o ódio, com pantufas de lã, penetravam no lugarejo e instalavam-se còmodamente. Os mexericos e as intrigas eram agora «o pão nosso de cada dia». Já se não respeitava a honra alheia, resmungava-se de todos na sombra, e era um chuveiro de calúnias que enlameava as dignidades e dava «famas» aos mais respeitáveis.

Por causa dos namoros, então, a baralha atingira o máximo!

A ciumeira invadira os lares; e o cortejo habitual de questiùnculas, de ditos e disputas, envenenara toda a vida da pobre aldeia.

E depois um ar de superioridade, a cheirar a chamusco de civilização barata, que agoniava!

Falavam por favor, palavras tiradas a saca-rolhas e com gestos vagos, de gente que viveria noutros ambientes mais cultos, sabenças misteriosas e párvoas, pretensões de ignorantes em vilegiatura, — aspectos que só irritavam e nada valiam!

Com esta superioridade balofa, a mania crescente da exploração. Supunham que «a árvore das patacas» tinha agora nascido às moitas por aquelas paragens. Por tudo pediam dinheiro; nunca mais se fazia um favor! Coisa que noutras épocas custava dois centavos, custava agora vinte e duas respostas tortas!

—É preciso aproveitar, «chegou a nossa vez». . eram as frases de todos os instantes!

O filósofo Santana observava da sua «redoma», e sempre que se lhe antolhava ocasião e vinha «a talho de foice», comentava:

—A maré vai alta... a maré vai subindo! Como se vê, a civilização não pára em seu caminho de salvação! Daqui a pouco está tudo salvo... Ou ninguém se salva! Salvé!

* * *

Vésperas do «pau de fileira».

O assunto fervilha:

—Amanhã, an?

—Sim, talvez.

—Amanhã, não tenho dó de vocês... —diz um servente para o que remata a cimalha.

—Sei lá. Não escarniques, mê lindo! Por enquanto... nem uma alforreca.

Na expectativa dum dia de folga e mândria, com «comes e bebes» à custa dos patrões, os operários andavam excitados, nervosos, mordiscando cigarros e atirando baforeiras.

—Que me importa cá a mim? Assim como assim, já sei o que me espera; trabalhar até morrer...

—Eu também hei-de almoçar e jantar e cear, mesmo que não haja patuscada...

—E eu com isso...

—«Valha-te Deus, enfermo, que nem pássaras comes»... comentou do alto um dos carpinteiros.

E os madeiramentos lá se iam assentando, agora as asnas, depois as madres e rincões, —tudo em preparação da cumieira onde se apoiariam as extremidades superiores dos caibros.

No dia seguinte, manhã cedo, colocava-se a viga mestra no vértice das asnas, e era o momento culminante por que todos anseavam.

O sr. Morais já por duas vezes os mandara calar.

Da última, exasperado, ponderara:

—Tanta conversa, tanta conversa... Que dianho têm vocês que conversar? O trabalho não chega para vos consumir?

Um dos pedreiros ainda lhe respondeu:

—Os rapazes não *trabalham* lá menos porque de longe em longe botam fala, sr. Morais. Não vale apertar tanto... Falam no «pau de fileira», ora aí está. Que grande crime!

(CONTINUA)

Página de Poesia

Parábola de Abel e Caim

Ando no Mundo a rir, a rir de mim!
(que louca a minha santa ingenuidade!)
Acreditei na tal Fraternidade, —
Que o bom Jesus prégou, — como Caim.

Numa benção do céu, um querubim
Vinha estendê-la a toda a Humanidade;
Vinha espargir a Paz e a Igualdade
Sobre os seres que Deus criou! (assim,

como eu agora rio dos meus enganos!)
Enquanto houver na Terra seres humanos,
Há-de existir também a Ambição.

— «...Vou ser igual a um Papa, usar anel!»
— «Pois eu serei maior, porque uso o fel
Com que hei-de envenenar o meu irmão!»

Maria Albertina Baeta

Na feira da vida

De quando em quando

Sagrado Galanteio

(Adaptação em verso de uma velha anedota galante, perfumada do requintado espírito francês).

Uma das mulheres mais belas de Paris
Desejou certa vez, por capricho, e quis
Ter uma audiência com o Cardeal Ferrata.

E a certa altura perguntou, insensata:

— «Vossa Eminência pensa
Que o amor, fora do leito conjugal,
É pecado mortal?...»

...E a graça que ela irradiava
Era de beleza imensa!

E o Cardeal, — sorrindo:

— «Antigamente, pensava!...
Mas hoje, não!...»

E Ela, insistindo:

— «Mas, desde quando tem Vossa Eminência
Essa opinião? —

E Ele, numa reverência,
Olhando-a cheio de encantamento,

Diz... e sorri:

— «Desde o ditoso momento
Em que a senhora entrou aqui! — »

Manuel Giraldes da Silva

Estrada da Saudade

(Há nos arredores de Petrópolis uma estrada que se chama poèticamente: Estrada da Saudade...)

Velha Estrada da Saudade
que eu vivo sempre a lembrar...
onde passei minha infância,
despreocupado, a sonhar...
Cheia de curva e descida,
perigos aqui e ali,
tal e qual a própria vida
que depois eu conheci...

Velha Estrada da Saudade,
onde em noites de luar,
tendo as estrelas de ouvintes
me punha alegre a cantar...
Tudo mudou, minha amiga,
velha Estrada singular,
— sou hoje triste poeta,
nunca mais pude cantar...

Velha Estrada da Saudade,
pobre, simples, singular,
que só tinha o calçamento
da lua clara a brilhar...
Herdei a simplicidade
e tudo que você tinha,
velha Estrada da Saudade,
— lírica, triste e sozinha...

Velha Estrada da Saudade,
da venda do «sêo Ventura»,
da «chacra do sêo Lourenço»
que tinha uva em fartura!
Estrada da nossa granja,
(da «Bela Vista» - em verdade!)
— Ai, que saudade tamanha,
velha Estrada da Saudade!...

LUÍS OCTÁVIO
(Brasil)

Maioridade

Parte. E sê feliz.
Tange de novo a matiz
Do teu soluço sem eco.
Agarra o arco do menino.
Leva o boné de papel.
E vence de novo a sombra
Do teu corpo amorenado.
E acima de tudo; acima
Da própria fé que te anima
(do teu soluço sem eco
do teu olhar sem resposta
do teu barquito sem lago)
Olha os teus olhos de frente,
Enche-os de luz, doidamente,
E depois, forte e sozinho,
Parte feliz para a frente
— Sem te importar o caminho.

Eduardo Olímpio Espada

(Do seu livro «As Esmolas do Mendigo»).

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Antologia de poetas vanguardistas

III

de Pablo Neruda

A morte, apenas

Há cemitérios sózinhos,
campas cheias de ossos sem som.
o coração passando um túnel
escuro, escuro, escuro.
Morremos como um naufrágio,
como se afogássemos o coração
ou caísse a pele à nossa alma.

Vejo, sózinho, às vezes,
caixões navegando
com pálidos cadáveres, mulheres de tranças mortas,
caixões com mastros, velas,
levando padeiros brancos como anjos
e meninas pensativas casadas com notários;
ataúdes subindo o rio vertical dos mortos,
rio acima, velas infladas
pelo som da morte;
o som silencioso da morte,
como um sapato sem pé, um fato sem homem,
gritando sem boca.

Não sei, mas vejo apenas;
mas sei que esse cântico
tem a cor das violetas húmidas
habituadas à terra.
Porque o rosto da morte é verde,
o olhar da morte é verde
como as folhas das violetas...

Há leitos navegando para um porto
onde a morte os espera,
vestida de almirante.

Tradução de Jorge Ramos

Androcles e o Leão

Androcles a um leão prestou favor
Quando este, mui ferido numa pata,
Entrava quase exangue na cubata
Onde ele se escondia ao mau senhor.

Tempo passado, o pobre desertor
Foi preso e maltratado co'a chibata,
E num anfitiatro a turba ingrata
O lança à fera bruta, sem amor.

Mas quando Nero, o fero imperador,
Julgava ver Androcles esmagado
Nas garras do leão, — a lenda o diz —

A fera humildemente, com langor,
Afaga o pobre escravo inanimado
Mostrando numa pata a cicatriz...

(Do Livro «As Esmolas do Mendigo»)

Eduardo Olímpio Espada